

d.f.w.

André de Leones

1. Em relação ao espécime humano, masculino, identificado nestes apontamentos como “d.f.w.”, as fontes, como sempre, não são confiáveis. Há informações desencontradas dando conta da prática de um *Esporte* (v. *Tênis*) então tido como civilizado e também de uma atividade intelectual (v. *Literatura*) notavelmente bárbara (v. *Átila*) e inútil por meio da qual a *Realidade* (v. *Platão*) era recriada, parodiada e/ou imitada a partir de sua (dela, *Realidade*) pretensa ou suposta ficcionalização (v. *Quixote*).

2. A Unidade Informacional de Pesquisa (UIP) chegou ao espécime humano, masculino, “d.f.w.” mediante um cruzamento de dados feito a partir de um registro encontrado por acaso. Até o momento, a UIP não chegou a qualquer conclusão acerca das questões suscitadas pelos resultados obtidos.

3. Em algum momento do início do século XXI d.C. [1], um espécime humano, feminino, deixou registrado o seguinte usando um aparelho comu-

[1] A notação “d.C.” diz respeito a um espécime humano, masculino, que teria vivido em um passado remoto, em região indeterminada do planeta, e inadvertidamente fundado uma série de práticas supersticiosas que viriam a ser controladas por diversas instituições concorrentes e de ares irascíveis (v. *Igrejas*; v. *Cristianismo*; v. *Catolicismo*; v. *Inquisição*; v. *Quarta Guerra Mundial*). No entanto, não há qualquer evidência efetiva em relação à existência daquele espécime humano em particular, e tampouco dos milagres (v. *Prestidigitação*) que teria praticado.

nicador móvel: “Existem dois tipos de pessoas: as que passam a vida indecisas entre coisas tão díspares como o tênis e a literatura e as que simplesmente saem por aí dando raquetadas a torto e a direito”.

3.1 Segundo anotações seriamente corrompidas encontradas em uma rede informacional (v. *World Wide Web*) mantida então pelos humanos, o espécime humano, masculino, “d.f.w.” talvez (v. *Especulação*) tenha, em algum momento de sua vida, estado indeciso (v. *Getsemâni*) entre as duas atividades citadas pelo espécime humano, feminino [2], *Tênis* e *Literatura*. Não há qualquer indício de relação entre os dois espécimes citados, i.e., eles não interagiram, não trocaram telefonemas ou fluidos corporais (v. *Esperma*). Dado o estado lastimável em que se encontram os registros, é certo que hoje só podemos especular acerca desse suposto impasse existencial experimentado pelo indivíduo em questão (“d.f.w.”). Assim, e uma vez que “d.f.w.” abordou a Realidade por meio de uma recriação ficcional da mesma (v. *Literatura*), pode-se dizer que o presente Relatório, dada a sua natureza especulativa e, portanto, inconclusiva, encaixa-se perfeitamente no âmbito do termo adjetivo (v. *Gramática*) *Irônico*.

3.2 A mensagem acima transcrita [*Existem dois tipos de pessoas (...)*] foi encontrada por acaso em um arquivo de constituição binária. A emanção sonora, verbal, tendo uma máquina [3] como destino levou a inúmeras especulações sobre as quais não discorreremos aqui (v. *DSM*).

[2] Isso é controverso. Alguns defendem que não houve qualquer indecisão, mas, sim, a degeneração do interesse por uma atividade e o incremento do interesse pela outra.

[3] Restos de um registro em película (v. *Filme*) trazem um espécime humano, masculino, desligando um espécime computacional enquanto o espécime computacional tenta demover o espécime humano, masculino, cantando uma canção (v. *Música*).

4. A leitura do verbete *Imaginação* talvez seja imprescindível para a devida apreciação das informações obtidas até aqui.

5. Ainda que não se tenha encontrado qualquer utilidade prática para o exercício da *Literatura*, especula-se que a sua (dela, *Literatura*) natureza resida justamente em sua inutilidade. Nesse sentido, trata-se de algo inapelavelmente humano: o ato de recriar algo (a *Realidade*) que eles (humanos) sequer compreendiam em sua plenitude.

5.1 Por exemplo: qual a finalidade de imaginar e descrever alguém sentado em um escritório [4], cercado por corpos e cabeças [5]?

[4] A imagem de alguém sentado em um escritório é recorrente. Estima-se que os espécimes de então passassem a vida em um escritório cercados por outros corpos e outras cabeças e até mesmo (v. *Especulação*) interagindo com eles. Em um objeto de papel (v. *Celulose*), encadernado (v. *Livro*), com data do final do século XX d.C., encontrou-se a seguinte passagem (grifos nossos):

Estávamos sozinhos no escritório. Eu chorava. O médico falou que não há perspectivas, eu disse. Foi o que ele falou. Que eu não tenho a menor chance. Ele pediu: Não diz isso. Fiquei calada, passei a mão pela *cabeça*. Meu *corpo* está horrível, magro. Eu estou feia. Não estou? Ele perguntou: O médico disse mais alguma coisa? Suspirei: Sim. O que ele disse? Abaixei a cabeça e repeti: “Sinto muito”. Foi quando ele me abraçou e, gentilmente, me levou até o chão e tirou a minha roupa. Acariciava a minha *cabeça* enquanto arremetia.

[4.1] Não há indícios de que o espécime humano, feminino, presente no registro acima seja o mesmo do outro registro citado há pouco [*Existem dois tipos de pessoas (...)*].

[4.2] Segundo pesquisas recentes, especula-se que a esmagadora maioria dos espécimes humanos morria de *Câncer* (v. *Doenças*). Os demais morriam pelas mãos de seus semelhantes (v. *Homicídio*) ou, em casos extremos, pelas próprias mãos (v. *Suicídio*).

[5] Há trechos de um extenso registro atribuído a “d.f.w.” no início do qual é descrito alguém sentado em um escritório cercado por corpos e cabeças.

6. Deixou-se esse tipo de especulação de lado para se fixar nas informações obtidas a partir dos sucessivos cruzamentos de dados feitos sobre os resultados do cruzamento de dados original. Por alguma razão, o termo *Suicídio* é constante em certas anotações virtuais (v. *World Wide Web*). Nada foi encontrado que pudesse esclarecer isso.

7. A desorganização desses registros é tão ostensiva que parece obra da entidade referida por alguns como Deus (v. *Nietzsche*).

7.1 Um exemplo do caos intrínseco aos registros é a própria incidência de eventos [6] sem qualquer ligação aparente entre si, mas que insistem em apontar um para o outro, caso da mensagem telefônica deixada pelo espécime feminino [*Existem dois tipos de pessoas (...)*] e a suposta escolha feita pelo espécime humano, masculino, “d.f.w.”.

7.2 Talvez o resultado do entrecruzamento citado acima seja, em si, absurdo, gerando a inconclusão registrada nestes apontamentos. Talvez, afi-

[6] A UIP sempre se depara com eventos que sugerem algo cíclico, uma repetição irregular de ações. Por exemplo: em 1994, há o relatório de um *Homicídio* seguido por um *Suicídio*. Um espécime feminino foi assassinado. Em seguida, o assassino entrou em seu automóvel e dirigiu até uma construção arquitetônica (v. *Ponte*) feita sobre um curso de água (v. *Rio*). O espécime homicida teria se jogado, cometendo *Suicídio* (v. *Culpa*). Quinze anos depois, o filho do assassino teria feito basicamente o mesmo: dirigido até a mesma ponte, cometido *Suicídio*. Não há indícios de que também tenha assassinado alguém.

[6.1] Em muitos locais ocorre a incidência da seguinte frase e suas variações: “A realidade ganha fácil da ficção”. Não há registros de uma competição formal entre essas duas coisas, ao contrário do que sugere a referida frase.

[6.2] Atualmente, em função do estado lastimável dos registros à disposição, não há como catalogar de maneira incontestada um evento, texto ou relatório como *Real* ou *Ficcional*.

nal, nada resulte da massa humana de informações que se encontra à disposição. A quantidade de eventos sobre os quais pouco foi compilado [6] e nada pode ser dito com certeza ou exatidão é infinita (v. *Deus*).

8. *Tênis e Literatura* eram atividades excludentes [5]? De tal forma que um espécime teria de obrigatoriamente escolher entre um e outro (v. *Dilema*), não podendo abraçar ambas as coisas? É quase certo que o espécime que optasse por *Literatura* poderia, em algum momento, escrever sobre *Tênis*, embora não tenhamos encontrado registros desse tipo de coisa. Logo, não seria absurdo supor que o espécime humano, masculino, “d.f.w.” tenha, em algum momento, escrito algo relativo a *Tênis* [7]. Nada disso é relevante aqui, entretanto. Este trecho será excluído em revisões posteriores.

9. Desde o início das pesquisas, ficou evidente que o traço distintivo dos espécimes humanos era a *Violência*. Não se trata, obviamente, de uma constatação nova ou original, uma vez que há registros apontando para o fato de os próprios humanos terem plena consciência disso (v. *Auschwitz*). Pelo que pudemos depreender, o fato de os espécimes humanos terem consciência de algo raríssimas vezes os impediu de tomar quaisquer medidas extremas contra seus semelhantes ou contra si mesmos (v. *Suicídio*). Pelo contrário. A *Violência* enquanto prática corriqueira comparece em praticamente todos os registros compilados pela Unidade Informacional de Pesquisa (UIP).

[7] Não há registros de praticantes de *Tênis* mantendo qualquer espécie de contato com *Literatura* (não obstante o fato de *Tênis* ser considerado um esporte civilizado).

[7.1] Há registros segundo os quais *Vida* e *Literatura* seriam atividades excludentes. Optou-se por não levar isso em consideração. Se fosse o caso, a presente pesquisa seria inviabilizada.

9.1 Um desses registros, por exemplo, descreve um espécime humano, masculino, uma unidade paterna, isto é, provida de descendência, exibindo sua genitália (v. *Fisiologia humana*) para um outro espécime humano, masculino, uma unidade filial, i.e., descendente direto do espécime que exhibe a genitália. Procurou-se por outros registros que indicassem ser aquela uma prática comum, cotidiana, talvez até algo imbuído de natureza religiosa (v. *Marquês de Sade*), mas decididamente não parece ser o caso. Segundo foi apurado, o ato de exhibir a genitália em determinadas circunstâncias e para determinadas pessoas constituía, de fato, uma agressão, i.e., um ato de *Violência*. O registro tem como autor o espécime humano, masculino, “d.f.w.”.

10. Sendo quem foi, i.e., um espécime humano, masculino, não é difícil imaginar “d.f.w.” sentado em um escritório rodeado por *corpos* e *cabeças*. Na medida em que a *Literatura* não prescinde, em absoluto, da *Realidade* (v. *Platão*), é lícito concluir que o espécime humano, masculino, “d.f.w.” estivesse, quando trabalhando, em contato contínuo com outros espécimes humanos, masculinos e femininos. Pergunta: na medida em que aquilo que denominamos *Natureza Humana* era basicamente constituída por aquilo que denominamos *Violência*, seria lícito concluir que o espécime humano, masculino, “d.f.w.” teria sido mais feliz (v. *Psicotrópicos*) caso tivesse optado por *Tênis* em detrimento de *Literatura*? Por outro lado, é importante frisar novamente que não há qualquer indício de que tenha, de fato, havido uma escolha nesse caso [2] por parte do espécime humano, masculino, “d.f.w.”.

11. A natureza especulativa destes apontamentos é resultado direto do seu objeto de estudo. Ao que tudo indica, e a esse parecer chegou-se após o cruzamento de dados e registros de diferentes fontes, o contato contínuo com outros espécimes humanos quase sempre resultava em *Violência* ou em eventos de natureza destrutiva, tais como: *Suicídio* e *Câncer*. Em termos

gerais, há os que defendem a tese de que os termos *Melancolia* e *Tristeza* estejam diretamente ligados ou sejam sinônimos (v. *Gramática*) de *Câncer* [8]. No entanto, não há qualquer evidência desse parentesco ou sinonímia em nossas pesquisas. Em vez disso, na sequência do trecho inicialmente transcrito em [4], foi encontrado o seguinte (grifos nossos):

Depois, continuamos deitados no tapete. Ele ainda acariciava a minha cabeça e também as minhas costas, beijava a minha nuca e dizia coisas *doces*. A noite caíra sem que nos déssemos conta. Eu estava exausta, mas *feliz*. No escuro, *sorrimos* um para o outro, como se nos despedíssemos, e foi tudo.

[8] Em inúmeros cruzamentos de dados, verificou-se que os termos *Câncer* e *Civilização* aparecem intimamente relacionados. O trecho transcrito em [4] talvez seja um exemplo disso, uma vez que o ambiente denominado *Escritório* é algo típico no contexto de uma *Civilização* e o espécime feminino, humano, que descreve o evento (v. *Sexo*) apresenta um quadro avançado de *Câncer* (v. *Quimioterapia*).

[8.1] Alguns indícios sugerem que o espécime humano, masculino, citado em [1] tenha falecido em decorrência de *Câncer* (v. *Novos Evangelhos Apócrifos*).

[8.2] Há ainda aqueles que afirmam que *Esperança* seja sinônimo de *Câncer*, dada a frequência com que essas palavras aparecem juntas em certos lugares. Considera-se isso, também, pouco provável, mas fica o registro.